***Capítulo 7 – Invasão na Sociedade dos Dragões***

Horas depois, a silhueta da Sociedade surgiu entre as montanhas. Um castelo negro esculpido na pedra viva, envolto por uma cidade de torres e guarnições.

Do lado de fora, os portões principais estavam protegidos por soldados de Rank B e C.

Masuke parou diante do portão, a capa da MDAL ondulando ao vento, a foice reluzindo sob o céu escuro.

*— Mostrem o Hiroshi pra eles* — disse Masuke.

Drakom carregava o corpo desacordado de Hiroshi nos ombros. Jogou-o aos pés do portão.

*— Ele voltou... com reforço.* — disse Drakom, alto o bastante para todos ouvirem.

Dois guardas se aproximaram.

— Que tipo de jogo é esse?

— Não é jogo. É massacre.

Sem hesitar, Masuke avançou.  
Em três movimentos, decapitou os dois soldados com cortes limpos. O sangue se espalhou como tinta em papel branco.

O terceiro tentou recuar, mas Shizuke invocou um jato de água cortante, atravessando-lhe o peito.

Um alarme soou ao longe. Masuke ergueu a mão.

*— Deixem tocarem. Que saibam que chegamos.*

Dentro do Castelo – Confronto Iminente

O trio da MDAL invadiu a entrada, destruindo patrulhas e abrindo caminho até os salões principais do castelo. Nenhum oponente era páreo. Nenhum deles recuava.

Drakom andava com firmeza, encarando os corredores que conhecia tão bem.

*— Quantos anos faz que não venho aqui...*

Masuke respondeu sem virar o rosto.

*— O suficiente pra sua ausência ter se tornado uma ferida pra eles. Hoje, ela vira cicatriz.*

Finalmente, os portões duplos se abriram para o salão do trono.

O homem sentado à frente era imponente. Alto, corpo musculoso coberto por uma armadura negra com escamas de dragão. Seus olhos eram dourados e selvagens como os de Drakom. O pai.

*— Então você teve coragem de voltar, meu filho...* — disse o homem, sua voz ecoando como trovão contido.

Drakom deu um passo à frente, deixando a capa da MDAL esvoaçar.

*— Eu não voltei pra obedecer. Eu vim pra encerrar isso.*

O silêncio caiu como uma sentença de morte.

### **O Herdeiro e o Rei**

O salão do trono da **Sociedade dos Dragões** parecia esculpido no tempo. Escamas negras recobriam as colunas. Um trono colossal feito de ossos de dragão se erguia no centro. Sentado ali, imponente, estava **Divino**, o Mestre da Sociedade. O homem que criou Drakom. O governante que comandava exércitos como quem sopra cinzas.

Drakom parou a poucos metros do trono. Sua capa preta da MDAL arrastava pelo chão rachado. Ao seu lado, Masuke observava em silêncio, como um ceifador à espera de um veredito. Shizuke mantinha o olhar firme, atento aos arredores.

Divino cruzou os braços.

*— Então... meu sangue se aliou às trevas?*

Drakom respondeu com a cabeça erguida:

*— Me aliei à liberdade. Ao destino que eu escolhi.*

O tom da sala esfriou.

*— Você é o herdeiro desta Sociedade. Foi moldado para ser o próximo Mestre. Eu não te criei pra servir a um estranho...* — os olhos dourados brilharam ao encarar Masuke. — *...ou ao que ele representa.*

Masuke não respondeu. Apenas observava, imóvel, com os olhos semicerrados.

Drakom continuou:

*— Você me treinou pra obedecer, mas nunca perguntou o que eu queria.  
E agora eu sei. Eu* ***não quero essa coroa.*** *Eu não quero governar a Sociedade dos Dragões.****Eu quero governar o mundo... ao lado dele.*** — disse, apontando com o polegar para Masuke.

Silêncio.

Divino então riu, um riso profundo, quase doloroso.

*— Você é mesmo meu filho. Tem ambição demais pro próprio bem.*

Ele desceu os degraus do trono lentamente, até ficar frente a frente com Drakom. Colocou a mão no ombro do filho.

*— Se não vai herdar a Sociedade... então me diga o que veio buscar.*

Drakom olhou nos olhos dele.

*—* ***O Núcleo de Ignis.*** *O artefato que vocês guardam há gerações. A joia que concentra o espírito do Dragão Primordial. Me dá isso... e a Sociedade terá paz.*

Shizuke engoliu seco. Mesmo Masuke demonstrou uma leve reação com os olhos.

Divino permaneceu parado. Depois de alguns segundos, soltou um longo suspiro.

*— Esse artefato é o coração do nosso poder. Mas você está certo...  
Você é o único que conseguiria controlá-lo. E se não o entregar agora...  
vai buscá-lo de outra forma.*

Ele caminhou até um altar na lateral do trono, inseriu uma runa na parede, e uma câmara secreta se abriu, revelando uma pedra ardente como um sol contido: o **Núcleo de Ignis**.

*— Tome. Não sou seu carcereiro, Drakom. Nunca fui. Só queria te proteger.*

Drakom se aproximou lentamente, estendeu a mão e pegou o artefato. Seu brilho refletiu nos olhos amarelos como brasas de um novo mundo.

Mas então, uma voz cortou o momento:

*—* ***VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO!*** — gritou **Hiroshi**, que havia recobrado a consciência e assistia tudo da lateral do trono.

*— Esse poder... pertence à Sociedade. NÃO A ELE!*

O corpo de Hiroshi tremeu, e então **seu olho com cicatriz brilhou intensamente**. Um rugido bestial ecoou por todo o castelo. Suas tatuagens queimaram em chamas e suas costas explodiram em escamas.

*— Se vão trair a Sociedade... então verão o verdadeiro poder do Dragão da Terra!*

Hiroshi se transformou. **Sua forma final** era colossal, com armadura de pedra viva, garras monstruosas e olhos flamejantes.

Drakom entregou o Núcleo para Masuke com calma.

*— Eu cuido disso.*

E avançou.

A batalha começou com um estrondo. O salão tremeu. Hiroshi investiu com velocidade incomum para seu tamanho, mas Drakom já o esperava.

Chamas vermelhas e pedras titânicas colidiram. Drakom usou **MAKING** para se mover em zigue-zague, enquanto Hiroshi tentava esmagá-lo com socos sísmicos.

*— Você ainda não entendeu, Hiroshi...* — rugiu Drakom, enquanto ativava **DRAISON DUPLO**, girando duas esferas flamejantes em cada mão.

Hiroshi gritou:

*— Você me traiu! TRAIU SUA FAMÍLIA!*

*— Eu criei minha própria!* — respondeu Drakom, colidindo com os dois Draisons direto no peito do dragão de pedra.

***BOOM.***

A explosão atravessou o salão.

Hiroshi caiu de joelhos. Derrotado, de novo. Antes que desmaiasse, uma sombra se aproximou: **Masuke**.

Ele ergueu a foice, pronto para encerrar a luta ali.

Mas... a lâmina parou a centímetros da garganta de Hiroshi.

Masuke encarou Divino.

*— Não vim aqui pra fazer uma chacina.*

Só vim mostrar que... **nós escolhemos. E vencemos.**

Divino sorriu.

*— Eu senti seu poder desde que pisou neste lugar.  
Não precisava dizer seu nome, Masuke...****Eu conheci Darkare. Eu senti a mesma sombra em você.***

O salão caiu em silêncio.

Masuke abaixou a foice.

*— Então sabe que se eu quisesse, esse lugar estaria em cinzas.*

*— Eu sei. Por isso... essa trégua me agrada.*

Drakom caminhou até o pai uma última vez.

*— A partir de hoje, não sou mais um filho da Sociedade.  
Sou o* ***general da MDAL****.*

Divino assentiu.

*— Que assim seja.*

### **O Guardião da Sombra Invertida**

A fumaça da última batalha ainda pairava no ar quando **Divino**, mestre da Sociedade dos Dragões, voltou a caminhar até o altar selado. Mas dessa vez... com passos serenos.

Ele olhou para Drakom.  
Depois, para Masuke.

*— Vocês não destruíram essa Sociedade. Mataram alguns soldados, sim. Mas não espalharam o caos.  
E isso...* — ele ergueu o que parecia um **livro feito de escamas petrificadas**, com runas negras cravadas — *...isso merece respeito.*

Ele entregou o artefato diretamente nas mãos de Masuke.

*—* ***O Livro de Orunval.*** *Guardião da Sombra Invertida.*  
Registrado por gerações de mestres do clã, ele contém os registros da **origem dos dragões obscuros**, e a lenda de uma entidade esquecida — o próprio Orunval, o dragão que governava o abismo entre mundos.

Masuke segurou o livro com as duas mãos.  
Ele podia sentir **a morte pulsando** entre as páginas.

*— Por que está me dando isso?* — perguntou ele.

*— Porque estou* ***cansado de enterrar filhos****, Masuke.  
— Porque, se esse livro cair nas mãos erradas... haverá genocídio.  
E porque, no fundo, eu vejo em você alguém que* ***entende o equilíbrio da destruição.***

Masuke assentiu. Pela primeira vez... **sem dizer nada.**

Divino então se virou para **Hiroshi**, que se mantinha em pé, mesmo ferido, observando tudo de longe.

*— Você quer ir com eles, não é?*

Hiroshi hesitou por um momento. Mas não falou — **seus olhos disseram tudo.**

*— Vá.* — disse Divino. *— A sua missão acabou. Mas o seu caminho... começa agora.*

### **Um novo membro na MDAL**

Na saída do salão, Hiroshi caminhou até Masuke.

*— Eu quero fazer parte disso.*

*— Disso o quê?*

*— Da MDAL.*

Masuke o observou em silêncio. Os olhos negros, intensos como sempre.

*— Você foi meu inimigo... duas vezes. E perdeu nas duas.*

*— Por isso mesmo. — disse Hiroshi, com um leve sorriso. —  
Perder pra você foi como acordar.  
Eu quero seguir um líder... não por medo, mas por respeito.  
E se vou carregar um nome... que seja um que faça história.*

**Drakom** se aproximou por trás, com os braços cruzados.

*— Ele é cabeça dura. Mas tem alma de guerreiro.*

**Shizuke** deu um leve sorriso e falou:

*— Eu entendo esse sentimento.  
De ver alguém como o Masuke e pensar... “esse cara tem algo que ninguém tem”.  
Força, sabedoria... e sombra.  
Você não precisa ser perfeito, Hiroshi. Só precisa ser real.*

Masuke então estendeu a mão.

*— Bem-vindo à MDAL.*

Hiroshi apertou com firmeza.

*— Agora... é oficial.*

### ***O mistério do Livro de Orunval***

Enquanto os outros descansavam e treinavam nas dependências da Sociedade, Masuke permaneceu em uma câmara oculta com os tradutores e arquivistas mais antigos. O livro parecia **vivo** — respirar, girar, resistir à leitura comum.

Com ajuda de uma relíquia de leitura arcana, o conteúdo começou a ser decifrado.

*“Livro de Orunval – Guardião da Sombra Invertida”*

Nas páginas ancestrais do Livro de Orunval, repousa a lenda proibida de um dragão primordial, uma entidade chamada Orunval, outrora venerado como o Guardião do Equilíbrio Cósmico. No entanto, sua ambição o levou à ruína.

Orunval ousou realizar o impensável: fundir a essência oposta de dois planos absolutos — o etéreo Mundo da Luz e o caótico Abismo da Sombra. Ele buscava um novo limiar de existência, onde a dualidade se dissolveria e a verdade suprema emergiria.

Seu domínio ultrapassava os limites da razão. Orunval caminhava entre realidades paralelas como se fossem corredores de um templo antigo, manipulava os fios do tempo, e invocava versões alternativas dos vivos, corrompendo suas existências com ecos do que poderiam ter sido.

Diante do perigo que ele representava, as forças conjuntas dos dois planos selaram sua essência em três artefatos profanos, conhecidos como os Fragmentos Obscuros, cada um escondido em um lugar onde a sanidade vacila:

1. O Véu da Carne Viva — uma floresta pulsante, onde as árvores respiram, os galhos têm pulsos e a própria terra sangra em silêncio.
2. O Templo Submerso de Azgal — ruínas esquecidas sob um oceano de trevas líquidas, onde o tempo não existe e as memórias se afogam.
3. A Prisão do Quinto Olho — uma torre amaldiçoada ligada aos insanos Death Eyes, onde a realidade se curva ao olhar de um vigia cego.

Dizia-se que o livro jamais se revelaria completamente — a menos que fosse manuseado por alguém que já tivesse contemplado o fim de todas as coisas.

Isso deixou os tradutores em desespero, incapazes de avançar.

Mas Masuke apenas sorriu.

Ele havia visto o fim…

Mais de uma vez.

### **Treinamento nas Montanhas Sombrias**

As **Montanhas Sombrias** não eram apenas um refúgio distante — eram um campo de provações oculto entre neblinas antigas e rochas esculpidas por eras de sofrimento e magia esquecida. Ventos cortantes uivavam como lamentos de guerreiros mortos, e o solo, coberto por fuligem ancestral, pulsava com uma energia opressiva que testava até os mais resilientes.

Durante os dias que se seguiram, **Drakom, Shizuke** e **Hiroshi** submeteram-se a um regime de treinamento severo. Cada um enfrentava não apenas seus limites físicos, mas também os fantasmas do próprio passado. A montanha parecia viva — observando, desafiando, moldando.

#### **Drakom – O Manto Ardente do Dragão Vermelho**

Drakom se isolou nas encostas mais altas, onde o ar era rarefeito e o calor dos veios subterrâneos transformava o solo em placas fumegantes. Ali, ele buscava o domínio completo sobre o fogo — não apenas como uma arma, mas como **extensão viva de sua linhagem dracônica.**

Com a pele coberta por marcas de queimadura ritualística e os olhos ardendo em brasas douradas, ele praticou dias e noites sem descanso, meditando em meio a crateras ativas, permitindo que seu corpo fosse consumido pelas chamas para aprender a fundi-las ao seu próprio sangue.

Eventualmente, **nasceu o Manto Ardente do Dragão Vermelho** — uma técnica proibida, extraída dos escritos fragmentados de um pergaminho deixado por **Rek'Thar**, o Último dos Dragões Rubros.  
Essa técnica revestia seu corpo com **escamas incandescentes**, como armadura viva, geradas a partir da fusão de seu chakra com o calor dos planos inferiores.

O manto não apenas protegia Drakom, mas **amplificava suas capacidades físicas e mágicas** exponencialmente. Seus socos carregavam o impacto de meteoros flamejantes, e seus rugidos podiam abrir fendas no solo. As chamas que envolviam seu corpo não queimavam o ar — **consumiam a própria esperança de quem as enfrentasse.**

Mas o domínio do Manto veio a um custo.  
A cada vez que o ativava, **partes de sua humanidade ardiam junto**, e por breves instantes, Drakom ouvia a voz ancestral de Orunval sussurrando dentro de seu coração:

“Aceite o fogo eterno... torne-se mais do que carne... torne-se julgamento.”

E ele começava a se perguntar…  
**Até que ponto valeria a pena queimar, para alcançar a vitória?**

*Treinamento nas Montanhas Sombrias – A Forja de um Dragão*

As Montanhas Sombrias eram um território onde o mundo natural e o espiritual colidiam constantemente. Lá, não existia paz. Existia somente desafio, dor… e transformação. Drakom não estava sozinho em sua jornada. Para despertar o verdadeiro poder de seu sangue ancestral, ele foi guiado — e testado — por três entidades que haviam, cada uma à sua maneira, sobrevivido às montanhas e se tornado parte dela.

*Kaorr, o Ferreiro das Cinzas*

Antigo mestre de armas dos dragões, Kaorr era um titã de carvão e ferro fundido, com olhos brilhando como brasas prestes a explodir. Sua carne estava revestida de fuligem e fragmentos de escamas negras quebradas. Ele dizia ter forjado armaduras para os primeiros guerreiros dracônicos durante a Era da Separação dos Planos.

Kaorr não ensinava com palavras.  
Ele forjava cicatrizes.

Arrastou Drakom para dentro de uma fornalha ancestral e o obrigou a lutar contra avatares forjados em magma vivo, sem proteção, até que seu corpo aprendesse por instinto a se adaptar ao calor extremo. Cada vez que Drakom caía, Kaorr martelava a pedra ao lado e dizia:

*“Você ainda é carne. Seja metal.”*

Foi sob sua tutela que Drakom entendeu como transformar suas escamas em condutores de chakra ígneo, culminando na base do Manto Ardente.

*Asha Nyr – A Guardiã da Labareda Interior*

Asha era uma criatura etérea, metade mulher, metade salamandra de fogo cristalino. Ela era a personificação do Fogo Espiritual, e vivia no centro de um lago de cinzas líquidas onde a realidade era instável.  
Ela desafiou Drakom não com força, mas com controle emocional.

*"O fogo fora de controle consome. O fogo contido... molda destinos."*

Ela o fez reviver, em ilusões hipnotizantes, seus piores momentos — a perda da família, a escuridão de suas decisões, a solidão do fardo que carregava. Cada vez que ele reagia com raiva, o fogo o queimava. Mas quando ele aprendeu a abraçar a dor como combustível e não como fraqueza, Asha sorriu, e o presenteou com a Chama Interior da Serenidade, um dom raro que permite manter a clareza mesmo em meio à fúria do Manto Ardente.

*Velgrom, o Coração Petrificado*

Último sobrevivente de uma raça extinta chamada Sarkan'thul, Velgrom era um colosso petrificado com coração de lava. Vivendo nas cavernas abaixo das montanhas, ele permanecia imóvel há séculos — até que o chakra de Drakom o despertou. Com uma voz que fazia as rochas tremerem, ele aceitou treinar Drakom em troca de uma promessa: que ele usasse o fogo não apenas para destruir, mas para proteger algo maior que si mesmo.

Velgrom ensinou Drakom a canalizar o calor do núcleo da montanha através de sua espinha dorsal, usando técnicas respiratórias e posturas de combate ancestrais. Com ele, Drakom aprendeu a manter o Manto ativado por longos períodos — sem perder a consciência ou se consumir por dentro.

*Resultado do Treinamento de Drakom*

Ao final do treinamento, Drakom havia se tornado algo novo. Seus olhos, antes intensos, agora ardiam como carvões prestes a explodir. Suas escamas pulsavam com energia viva, e seu chakra assumia forma flamejante mesmo em repouso. O Manto Ardente do Dragão Vermelho não era mais uma técnica — era parte de sua essência, uma extensão viva de sua linhagem e de sua vontade.

*“Eu não sou o fogo…  
Eu sou o que resta quando tudo queima.”* — *Drakom*

*Shizuke – O Mestre das Correntes Ocultas*

Enquanto Drakom buscava as alturas ardentes das Montanhas Sombrias, Shizuke desceu.  
Desceu profundamente — além das cavernas, além da escuridão... até onde o mundo pulsava com umidade, pressão e silêncio absoluto.

Ali, no Subsolo Esquecido, onde as montanhas choravam em rios subterrâneos invisíveis aos olhos comuns, Shizuke encontrou o que precisava: conhecimento escondido nas veias da terra.

*Dominar o fluxo invisível*

Diferente dos outros, Shizuke não buscava força bruta. Ele queria controle absoluto.  
Foi nesse ambiente inóspito que ele desenvolveu sua conexão com as correntes subterrâneas, aprendendo a ouvi-las, senti-las... e, por fim, dobrá-las à sua vontade.

Mas esse domínio exigiu não só poder, mas alianças improváveis.

*Os Mestres de Shizuke*

*Elun'Shaar – A Voz do Subsolo*

Uma entidade feita de névoa líquida e pedra viva, Elun'Shaar era um espírito elemental aprisionado em um santuário lacrado por selos antigos. Shizuke o libertou ao decifrar os códigos hidráulicos gravados em pedras fluviais — uma linguagem esquecida que apenas os mais sábios conseguiam ler.

Elun'Shaar ensinou a Shizuke os Mapas do Subsolo, revelando que as montanhas eram apenas a superfície de um mundo muito mais vasto.  
A água, para Elun'Shaar, era memória líquida — cada gota carregava histórias, emoções e ecos de eras extintas.

Com ele, Shizuke aprendeu a visualizar os fluxos escondidos sob seus pés e a projetar sua energia para guiar o fluxo como se fosse parte de seu corpo.

*Mestre Varu – O Engolidor de Ecos*

Um antigo mago da Era dos Sussurros, Varu vagava em estado espectral por entre os túneis, consumido por sua própria obsessão de controlar a umidade da terra. Sua forma era disforme, quase líquida, e sua presença alterava o som ao redor.

Varu forçou Shizuke a lutar cegamente, guiando-se apenas pelo som e pela vibração da água ao seu redor.  
Durante dias, ele o cegou e o ensurdeceu alternadamente, dizendo:

*"Você só controla aquilo que pode sentir sem ver."*

Foi com Varu que Shizuke criou o princípio da técnica do Dilúvio Direcionado, canalizando pequenas correntes para se mover, atacar e desestabilizar o terreno sem ser notado.

*Yurei Numa – A Estagnada*

Yurei era uma figura amaldiçoada, presa em um pântano isolado sob a montanha — uma mulher envolta em véus de limo e sombra, que dizia ser a Deusa do Encharcamento Eterno. Ela representava a água que não flui, que apodrece, que afoga a alma.

Para vencer Yurei, Shizuke teve que resistir à estagnação — física e espiritual. A cada dia que passava em seu domínio, sua mente era tomada por dúvidas, ilusões e lembranças de falhas passadas.

Mas ao confrontá-la, Shizuke entendeu que o poder não está apenas no fluxo, mas na retenção e liberação precisa da energia.  
Esse ensinamento foi crucial para o refinamento de sua técnica.

*A Técnica: Dilúvio Direcionado*

Após sobreviver aos três mestres, Shizuke finalmente dominou os princípios das correntes subterrâneas e moldou uma técnica letal e estratégica.

Dilúvio Direcionado consistia em concentrar seu chakra nos pontos fracos do terreno e romper camadas de solo ou rocha, liberando torrentes ocultas que podiam:

* Afogar o inimigo por baixo, puxando-o para fendas encharcadas.
* Mudar o campo de batalha ao seu favor, alagando regiões ou criando armadilhas hidráulicas.
* Criar espadas líquidas de alta pressão, moldadas instantaneamente pela água controlada.
* E, em seu auge, invocar colunas de água perfurantes, vindas diretamente das veias da montanha.

"*Água não pede passagem.  
Ela entra por onde você nem sabia que estava aberto."* — *Shizuke*

*Hiroshi – O Despertar do Impacto Sísmico Controlado*

Enquanto Drakom dominava as chamas e Shizuke se tornava um com as correntes ocultas, Hiroshi caminhava por outro caminho — um caminho de introspecção, raiva contida e força bruta refinada.

Dentre os três, Hiroshi fora o mais impulsivo, o mais explosivo... e o mais quebrado por dentro.  
Mas nas Montanhas Sombrias, não há espaço para gritos vazios ou punhos sem direção. O som da raiva se perde no eco dos titãs, e apenas a força verdadeira permanece.

Foi então que Hiroshi foi chamado diretamente para treinar com o mais respeitado entre os Dragões — o Pugilista da Sociedade Dracônica, Alvarion, o Eterno de Escamas Cinzentas.

Alvarion – O Pugilista Dragão, Senhor da Pedra e da Verdade

Alvarion era uma entidade colossal, um dragão ancião em forma híbrida humanoide, cuja pele parecia feita de rocha viva entrelaçada com escamas ancestrais. Seus olhos, profundos como abismos sísmicos, enxergavam através da alma.

Diferente do que Hiroshi esperava, Alvarion não o tratou com superioridade. Ele o chamou de irmão, e reconheceu sua dor. Disse que, entre todos os forasteiros que já pisaram nas Montanhas, Hiroshi carregava o fardo mais difícil: conter a fúria que deseja explodir a cada instante.

*“Você não precisa destruir tudo ao seu redor para ser forte...  
Mas precisa saber quando destruir tudo é a única saída.” —* Alvarion

A partir dali, Hiroshi passou a treinar diretamente com o Rei, lado a lado com Drakom, o escolhido da linhagem flamejante.  
Não havia inveja.  
Havia respeito mútuo, como irmãos moldados pela dor e pela lealdade.

*O Treinamento – Da Raiva à Estrutura*

Durante semanas, Alvarion o guiou até o Coração da Montanha Sagrada de Verroth, onde as placas tectônicas se entrelaçavam como veias de um colosso adormecido.  
Ali, Hiroshi aprendeu a escutar a terra, a sentir sua tensão... e a compreendê-la.

Foi então que ele começou a moldar a técnica que definiria sua nova identidade: o Impacto Sísmico Controlado.

*A Técnica: Impacto Sísmico Controlado*

Diferente do antigo Hiroshi, que simplesmente socava com força descomunal, agora ele concentrava sua energia em pontos exatos do terreno e do corpo inimigo, gerando ondas sísmicas direcionadas e calculadas.

A técnica tinha múltiplos estágios:

* *Estalo Interno – um golpe rápido que causa microvibrações nos músculos do oponente, anulando movimentos futuros.*
* *Tremor Circular – uma onda de impacto que se espalha a partir dos pés, desestabilizando todo o campo de batalha.*
* *Quebra da Coluna – um soco direto que concentra toda a energia sísmica em um único ponto, capaz de fraturar armaduras mágicas e escudos espirituais.*
* *Batida do Rei – o estágio final, ensinado apenas por Alvarion, que libera uma onda sísmica vertical tão precisa que divide a terra como um bisturi cortando o tempo.*

Evolução Mental e Respeito

O verdadeiro avanço de Hiroshi, no entanto, não foi apenas técnico.

Foi emocional.

Ele deixou de agir como um garoto ferido e passou a agir como um guardião.  
A fúria não o dominava mais — ele dominava a fúria.

Alvarion, antes do fim do treinamento, declarou:

*“Você não é mais apenas um combatente...  
Você é um Pilar.  
Um pilar que, ao lado de Drakom e Shizuke, sustentará o que virá.”*

*O Julgamento do Fôlego Ardente*

*O Treinamento Final sob os Olhos do Divino*

As nuvens cinzentas se abriram, e o céu ficou em silêncio.  
A Montanha de Dravakal, centro espiritual da Sociedade dos Dragões, era um altar onde apenas os dignos pisavam. Esculpida com runas esquecidas, envolta por redemoinhos de energia primitiva e coroada por cristais flamejantes flutuantes, ali morava o Divino — o Pai de Drakom, o Rei dos Dragões, e o último ser que caminhou entre os deuses sem se curvar.

Quando Drakom e Hiroshi adentraram o círculo ancestral, sentiram a atmosfera pesar. O ar era mais denso. Cada respiração parecia carregar séculos.

No centro, Ele os aguardava.

O Divino – A Entidade de Carne, Pedra e Chama

Sua aparência era descomunal. Tinha quatro chifres dourados, olhos que pareciam buracos negros com brasas Douradas ao fundo, e uma pele que alternava entre escamas incandescentes e rocha pulsante.  
Sua voz não ecoava — ela se impunha ao ar.

*“Vocês vieram buscar poder. Mas o poder verdadeiro não se encontra em golpes. Ele nasce da dor. Do sacrifício. Da escolha de não ceder ao colapso quando tudo desaba.”*

Então ele apontou para o círculo:

*“Hoje, eu os forjarei como irmãos… ou os quebrarei como imitadores.”*

*Início do Treinamento Ritualístico*

*Prova da Resistência (A Queda Infinita)*

O Divino ergueu o braço — e o solo se partiu. Os dois foram lançados em um abismo ilusório onde cada golpe que recebiam os fazia reviver os momentos de dor do passado.  
Hiroshi viu sua família sendo humilhada…  
Drakom reviveu o momento em que sua linhagem foi caçada como aberração.

A cada segundo, o cenário mudava. Golpes vinham das memórias, dos inimigos, de si mesmos.  
Mas nenhum dos dois recuou.

Com os olhos cerrados e os punhos erguidos, lutavam mesmo caindo.

*A Dança Elemental (Impacto e Chama)*

De volta ao círculo, o Divino disparou contra eles com velocidade absurda. Um golpe dele fazia a terra rachar e as colinas ao redor vibrarem.  
Drakom ativou o Manto Ardente, liberando um rugido flamejante que envolvia o ar.  
Hiroshi usou o Impacto Sísmico Controlado para dividir o campo, tentando segurar o Rei.

Mas o Divino sorria. Ele não via rivais.  
Via sementes crescendo com raiva e honra.

— *“Vocês me enfrentam como guerreiros… mas devem me desafiar como filhos do Fogo Primordial!”*

*A Convergência*

Em um instante, o Divino parou.

*— “Chega de defesa. Agora… me ataquem. Juntos.”*

Drakom e Hiroshi se entreolharam — e correram lado a lado.  
Drakom lançou colunas de chamas, moldando-as como lanças.  
Hiroshi saltou, canalizando o solo sob seus pés, concentrando a força em um único soco capaz de partir a realidade local.

Os dois atacaram ao mesmo tempo — e pela primeira vez, o Divino moveu o braço com seriedade.  
O impacto sacudiu o vale inteiro. Rochas se desfizeram. As chamas foram dissipadas.  
E Drakom e Hiroshi estavam caídos, sangrando, mas sorrindo.

Eles haviam aguentado.

Reconhecimento do Rei

O Divino caminhou até eles. Seu corpo se dissipava em calor e sombra — como se estivesse sempre à beira de explodir em existência pura.

“*Vocês não são mais alunos.  
São meus herdeiros.  
Meus punhos. Meus olhos. Meus ecos.  
E quando eu desaparecer... vocês serão o rugido da minha eternidade.”*

Ele se curvou brevemente — e tocou o ombro de cada um com sua garra flamejante.  
Um selo dracônico brilhou em seus peitos: O Símbolo de Kin'Shaal, o título de Guardião do Horizonte de Fogo.

*Irmãos Forjados*

Naquele momento, Drakom e Hiroshi não eram apenas guerreiros poderosos.  
Eram irmãos de guerra, filhos de uma entidade que via neles não só poder, mas esperança.

*“A chama está com vocês agora.  
E quando o mundo ruir… vocês serão os que permancerão de pé.”*

*Monólogo de Shizuke – Observador nas Sombras*

As chamas cortavam o céu. O chão tremia com cada impacto. Lá estavam eles — Drakom, com seu manto flamejante reluzindo como um cometa ancestral, e Hiroshi, com os punhos vibrando a ponto de rachar a própria realidade. Enfrentando nada menos que o Divino. O Rei. O monstro... o pai.

Shizuke, imóvel sobre uma elevação rochosa, assistia tudo em silêncio absoluto, braços cruzados, olhos semicerrados.

*— “É… Eles estão aguentando. Mais do que eu esperava.”  
Mas só porque... são família.*

Ele fechou os olhos por um instante, como se buscasse visualizar o campo por outra perspectiva.

*— “Se fosse contra esse monstro de verdade... estaríamos mortos no primeiro minuto. Eu, pelo menos, não seguraria uma rodada inteira. No mínimo, o Masuke teria que invocar o Mr. Morte. Colocar entidade contra entidade. Um jogo divino de xadrez.”*

Um breve sorriso cortou seu rosto. Era quase um riso abafado, mas sem humor.

*— “E pensar que tudo isso aqui... essa aproximação com o Rei dos Dragões, o treinamento, os artefatos, os selos — tudo começou quando o Hiroshi pediu pra entrar no grupo.”*

Shizuke se inclinou levemente à frente, os olhos agora analisando o jeito como Hiroshi e Drakom se moviam em sincronia.

*— “Masuke... aquele desgraçado frio já tinha lido o cara por completo antes mesmo dele abrir a boca. Igual fez comigo. Estudou os padrões de ataque, os traumas, os bloqueios mentais. Ele já planejava trazer o Hiroshi pra MDAL... só não forçou nada. Esperou o momento certo.”*

Shizuke se recostou numa pedra, ainda observando, como se sua mente estivesse em outra dimensão.

*— “E o pedido veio como uma luva. Mexeu no emocional do coroa — que viu no Hiroshi o reflexo do próprio filho. Resultado? Ganhamos dois artefatos fodidamente raros que vão nos ajudar na próxima missão, aprimoramento direto com uma entidade quase imbatível... e, claro, treinamento sob fogo real.”*

Um silêncio profundo. Só o som dos trovões e das pedras se partindo abaixo.

Shizuke murmurou baixo, como se reconhecesse algo que o incomodava e o fascinava ao mesmo tempo:

*— “Masuke... você é um filho da puta, meticuloso.  
Frio, calculista, preciso.  
No fundo, você já sabia como tudo ia se desenrolar.  
E isso é o que mais me assusta.”*

Ele então se virou e começou a descer da elevação, desaparecendo nas sombras.

*— “E mesmo assim... eu continuo seguindo você.”*

A partir de então, os três foram vistos com outros olhos pelos membros da Sociedade dos Dragões.  
Drakom, o herdeiro das chamas.

Shizuke, o estrategista das correntes.

Hiroshi, o punho da terra e do juízo.

E juntos, a Irmandade da Montanha estava pronta para encarar o que nenhum outro grupo ousaria enfrentar.

*Masuke e o Livro de Orunval*

Masuke permaneceu sozinho, o manto oscilando com o vento frio que soprava da borda da montanha.  
A luz tênue de cristais dracônicos iluminava as páginas do Livro de Orunval, agora abertas diante dele sobre uma mesa de pedra bruta, entalhada com runas antigas que reagiam ao toque de sua presença.

O silêncio ao redor era absoluto. Mas dentro do livro... algo sussurrava.

Cada página parecia pulsar.  
Cada símbolo queimava como um olho antigo tentando se abrir.  
E a cada virada, o peso do conhecimento aumentava.

*"Esse livro não conta uma história.  
Ele é uma história viva, presa entre mundos."*

Os dedos de Masuke passaram lentamente sobre uma das inscrições. O traço se moveu, mudando de forma diante de seus olhos, como se respondesse ao chakra oculto em sua alma.

— *"Orunval..."* — ele murmurou, a voz quase imperceptível.  
— *"Você ainda vive... em algum lugar entre a Luz e a Sombra."*

Os intérpretes o ajudavam com a tradução dos fragmentos. Mas ele lia além das palavras.  
Lia o padrão oculto, os espaços vazios, os silêncios.

Fechou o livro com calma, como quem guarda uma arma ancestral.

Olhou para o horizonte distante, onde as montanhas sumiam em névoa e as estrelas pareciam brilhar mais fracas naquela noite.

— *"Se a MDAL vai mudar o mundo..."* — disse, pensativo, seus olhos ocultos sob a sombra da capa.  
— *"...vai precisar encarar o que está além dele."*

Porque agora ele sabia.  
Orunval não era apenas uma ameaça passada.  
Era uma presença adormecida, aguardando.

E a MDAL não estava mais apenas lutando contra exércitos ou organizações...  
Estava se aproximando do limite do real.  
Onde o tempo se quebra.  
Onde os vivos se encontram com o que nunca deveria ter existido.

*Festival do Fogo Antigo – A Despedida dos Herdeiros*

*Sociedade dos Dragões, Salão Central de Dravakal – Ao Entardecer*

A última luz do dia filtrava-se pelas aberturas circulares do Salão de Dravakal, refletida em milhares de cristais suspensos que flutuavam como constelações domesticadas.  
O salão, imenso e vivo, era feito de rochas ancestrais que pulsavam com chakra dracônico.  
O teto abria-se para o céu noturno, revelando uma lua cheia envolta em névoas vermelhas — um sinal raro, conhecido como o “Olho Ardente”, símbolo de pactos eternos.

A música era suave, tocada por instrumentos que vibravam como o som de asas batendo entre dimensões. O aroma da carne dourada nas fogueiras sagradas misturava-se com o vapor de vinhos de cristal e frutas das florestas esmeralda.

Drakom e Hiroshi estavam vestidos com túnicas cerimoniais, entrelaçadas com fios de prata e escamas de dragão. Suas armas estavam repousadas diante deles, não como instrumentos de guerra, mas como promessas de defesa.

*A Aliança Selada*

Em um gesto histórico, Masuke entrou em silêncio, acompanhado por Shizuke e os intérpretes do Livro.  
Ele carregava consigo um estandarte dobrado, que estendeu diante do trono do Rei: a bandeira da MDAL.

Um tecido negro, com o símbolo da Morte e da Luz entrelaçados por correntes e asas abertas — o brasão da resistência contra o inevitável.

O salão inteiro silenciou.  
O Rei — o Divino — se levantou. Seus olhos percorreram a bandeira, depois os rostos dos jovens diante dele.  
E, com voz firme, declarou:

*— “Esta não é apenas a bandeira de um grupo rebelde.  
É a bandeira do primeiro território conquistado por Masuke — não por sangue, mas por respeito.  
De hoje em diante, a Sociedade dos Dragões está em aliança com a MDAL.”*

Ele desceu um degrau do trono, encarou Hiroshi e Drakom com um sorriso cansado, mas orgulhoso.

*— “Meus filhos… vocês não partem como guerreiros.  
Partem como herdeiros do fogo eterno.  
Se algum dia os céus tremerem e precisarem de abrigo, a Sociedade dos Dragões abrirá seus portões.  
E se um dia nossos corações estiverem ameaçados, chamaremos por vocês.  
E a MDAL responderá.”*

Masuke assentiu com um gesto leve, sem palavras.

*Conversas Suaves, Laços Eternos*

À mesa, enquanto os pratos eram servidos em grande abundância, os membros trocavam sorrisos discretos, comentários sobre o treinamento e até risos contidos — especialmente entre Hiroshi e alguns jovens dragões que agora o tratavam como um “irmão de escamas”.

Shizuke, como sempre, observava mais do que falava. Mas aproximou-se do Rei, e disse:

*— “Eles te respeitam… mais do que temem. Isso é raro.”*O Rei respondeu com um olhar profundo: *— “Porque eu vi neles o que ninguém viu em mim quando era jovem. E agora vejo o mesmo em vocês.”*

Drakom conversava com um antigo mestre forjador, rindo sobre as vezes em que quase explodiu a fornalha sagrada.  
Hiroshi era cercado por jovens aprendizes, ensinando a técnica do Impacto Controlado, com orgulho discreto.

E ao fundo, Masuke olhava o fogo.  
Pensando. Calculando. Silencioso.

A Partida Noturna

Quando o banquete cessou e as luzes foram diminuindo, o silêncio tomou conta do salão.  
Os dragões se recolheram.  
O céu agora era uma tapeçaria estrelada.

Na entrada do grande portão leste, a MDAL se reuniu.

Drakom olhou uma última vez para o pai.  
Hiroshi abaixou a cabeça em sinal de respeito.

O Rei apenas disse:

*— “Onde quer que estejam… o rugido da Montanha os acompanhará.”*

Masuke, à frente, lançou um último olhar ao brasão que agora tremulava entre as colunas:

*— “Primeiro território conquistado…”  
— “Vamos ao segundo.”*

E então eles partiram, cruzando o vale sob a luz pálida da lua.

Silenciosos.

Focados.

O próximo objetivo os aguardava…  
E o mundo ainda não estava pronto para eles.

Última Reunião – Três Dias Antes da Invasão a PHENIX

A fogueira crepitava no centro do acampamento, lançando sombras dançantes sobre os rostos de cada membro da MDAL. Estavam reunidos sobre um platô silencioso, longe dos salões da Sociedade dos Dragões. O céu estava encoberto, como se a própria noite contivesse a respiração.

Masuke permanecia sentado, distante, encarando as brasas — como se procurasse respostas ali dentro.

Shizuke quebrou o silêncio com a voz seca, quase provocativa:

— *“E então... Masuke. Quando vamos invadir PHENIX de novo e pegar o maldito livro?”*

Masuke demorou a responder. Quando finalmente o fez, sua voz veio baixa, firme, como quem já pesava as consequências há dias:

— *“Ainda não sei, Shizuke. Mas precisamos ser cuidadosos.”*  
— *“Moshu já sabe que estou vivo. E se ele sabe, ele virá. Por mim... e por você.”*

Um silêncio tenso caiu sobre o grupo. A brisa da montanha parecia ter congelado.

— *“Se ele interferir...”* — Masuke ergueu os olhos, encarando a fogueira como se visse além dela —  
*“...vamos ter que matá-lo.”*

Ninguém falou.  
Até Mr. Morte, presente nas sombras, manteve-se calado — e isso, por si só, já dizia muito.

Após alguns segundos, Masuke se levantou, os olhos determinados:

— *“Vamos nos preparar.  
Daqui a três dias, invadiremos PHENIX.”*

Shizuke soltou uma risada curta, mais para aliviar a tensão do que por humor:

— *“Então já se decidiu...  
Certo. Vamos pegar esse livro.  
Confesso... sempre quis saber o que diabos tem ali dentro.”*

Drakom, de pé ao lado de Hiroshi, cruzou os braços e perguntou com um olhar curioso:

— *“Masuke…  
Se conseguirmos o livro, todos nós vamos obter o poder das Chamas de Ouro de Phelix?”*

Hiroshi, mais reservado, completou:

— *“...Ou isso é só mais uma lenda antiga?”*

Masuke respirou fundo. Seu olhar não revelava nem certeza nem dúvida — apenas convicção.

— *“Vamos descobrir... quando ele estiver em nossas mãos.”*

A fogueira estalou mais forte, como se respondesse ao destino iminente.

**Continua...**